

Perdão! e a minha voz estertora um gemido,
E o lábio meu pra sempre apartado do teu
Não há de beijar mais o teu lábio querido!
Ah! quando tu morreste, o meu sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!
— Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o Destino, abatido e tristonho...

Perdão! e êste silêncio e esta tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me res-
[ponde...

Perdão! e êste sepulcro imenso que não fala!

* * *

Augusto dos Anjos continuará por muito tempo um tema dos mais sugestivos, face à sua poética emocional, que tanto desperta o interesse do leitor culto como do leitor comum. Toda a crítica que vem sofrendo, quando não é apologética, é de restrição, nos moldes da velha orientação impressionista. Uma outra de cunho cientificista, fundada na psiquiatria, foi tentada sem proveito. Nenhuma resolvia o problema, porque o poeta tinha alguma coisa a mais por baixo dos enlaces estéticos, que não alcançavam os seus críticos.

Na Paraíba, sofreu restrições de alguns autores que jejuaram sobre as suas páginas. Cá fora foi igualmente combatido por críticos que o julgaram pelas aparências. Alguns não toleravam a agrestia da linguagem científica, sem levar em conta que essa mesma agrestia entrava musicada no *Eu*, em conúbio com o estado de arte. Outros, acostumados a uma poesia dulçurosa, gotejando lágrimas e preces, numa linguagem cantante, perfumada de sonhos voluptuosos, em noites românticas de luar, repugnavam o jargão de uma poesia bárbara, impregnada de diluição biológica.

A sua obra foi, de início, mal recebida pela imprensa e o poeta tido como um homem de imaginação doentia, apreciado apenas nos aspectos de mais intimidade com a arte. Essa crítica de feição pessoal não melhorou muito no correr de 50 anos de evolução na literatura brasileira. Ainda hoje alguns críticos negam a Augusto o gênio poético, por questão de idiossincrasia literária. É o que se vê, em maior ou menor escala, em certos grupos que pontificam na literatura pátria.